

# O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

## PROTECÇÃO AOS APRENDIZES

«A Juventude Operária Católica, de colaboração com a Juventude Operária Católica Feminina, lançou uma grande campanha de protecção aos aprendizes. A campanha teve a sua eclosão no mês de Maio, com as assembleias magnas de Lisboa e Porto, que foram uma prova da vitalidade pujante dos dois organismos». (Boletim da Acção Católica, Junho, n.º 169, pág. 47).

O problema é candente. Não só o reconhecem hoje os jovens operários e os chefes de família, como as classes patronais e o próprio Governo que tem em actividade duas comissões de estudo, uma por parte do Ministério da Educação Nacional, outra pelo I. N. T. P., não só no desejo de chegar a melhor e mais eficaz regulamentação das condições de aprendizagem, mas também a uma reforma do ensino técnico que corresponda à enorme evolução da técnica científica e às exigências prementes da economia moderna.

A campanha da J. O. C. foi, por isso, duplamente oportuna: correspondeu aos anseios dos jovens trabalhadores que se afligem de cada vez mais com o problema, e veio criar ambiente para as medidas que as autoridades possam vir a tomar neste terreno.

Espíritos mal informados podem contudo pensar que se esgotou o assunto com aquela campanha. O Boletim da Acção Católica não deixa, porém, lugar a dúvidas: foi uma campanha lançada pela juventude e por ela realizada. Não tentou por isso, esgotar o assunto e não implica a responsabilidade senão dos jovens.

O ponto de vista dos católicos sobre o problema não pode efectivamente ser apenas o ponto de vista dos jovens. Eles encaram os assuntos sob um prisma limitado que pertence aos adultos, aos mestres e aos técnicos apoiar, mas também desenvolver e enquadrar no problema geral da economia nacional, dos direitos e deveres das famílias, das relações profissionais e das exigências da política económica internacional.

A campanha da aprendizagem iniciou-se — e muito bem aliás — pela palavra dos jovens. Ela terá de continuar pela exposição do problema no seu conjunto, no seu vastíssimo conjunto, que a eles já não se pode humanamente exigir.

Com efeito, a solução do problema da aprendizagem implica não só o aspecto moral da questão e a verificação

(Continua na 8.ª pág.)

## A SELECÇÃO DOS CONDUTORES DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

São extraídas do Boletim do Instituto de Orientação Profissional as seguintes considerações de ordem técnica, firmadas por Manuel Subtil:

Se há classes cujos membros careçam de ser cuidadosa e cientificamente seleccionados, a dos motoristas é incontestavelmente uma delas.

A segurança dos passageiros que eles transportam, a dos transeuntes e a deles próprios depende essencialmente da sua competência na condução do veículo.

Dado o aumento cada vez mais intenso de movimento e o crescente número de carros em circulação nas vias públicas, cada vez é mais imperiosa a necessidade de se proceder a uma rigorosa selecção dos indivíduos a quem vai ser confiada a condução de carros automóveis.

O exame médico e a prova prática a que até agora têm sido obrigados tão-sómente os aspirantes a automobilistas profissionais está longe, muito longe mesmo, de bastar.

Um bom estado físico é, sem dúvida, indispensável para o bom desempenho de uma função de tamanha responsabilidade. Visão excelente e boa agudeza auditiva são condições imprescindíveis, que o exame clínico pode determinar. Mas isso, por si só, não basta.

A profissão exige um certo número de capacidades absolutamente indispensáveis, cuja existência só um exame científico de selecção profissional pode determinar.

Conhecida a profissão, depois de estudadas as suas características essenciais, as suas exigências, os seus objectivos, etc., trata-se de escolher o indivíduo que reuna, quanto possível, as condições físicas e psicológicas que ela exige, as capacidades que o seu exercício requer.

Uma das coisas que muito importa estudar no candidato a motorista é a forma como reage a um estímulo visual ou auditivo. Uma boa reacção é absolutamente necessária, e a falta desta capacidade essencial deve ser, sem contestação, inibitória.

Mal irá à segurança dos que confiam na condução exercida por automobilista que, em presença de um estímulo inesperado, não reaja oportunamente manobrando com prontidão o volante ou os travões.

Assim, importa que o motorista possua:

— uma boa capacidade de visão a distância;

— uma boa capacidade de decisão, e que esta seja exacta, além de rápida;

— uma boa capacidade de coordenação viso-motriz e auditivo-motriz;

— uma boa capacidade de atenção e de resistência às perturbações auditivas e visuais;

— uma boa sensibilidade às mudanças de ritmo, de velocidade;

— uma grande calma e muita serenidade.

Isto, pelo menos.

O diagnóstico destas capacidades é realizado experimentalmente por meio de provas especiais em laboratórios de investigação.

Essa importante tarefa não poderia ser levada a efeito em Portugal aqui há nove ou dez anos, precisamente porque não possuíamos laboratórios dessa natureza.

Hoje, porém, as circunstâncias são outras: o nosso País pode orgulhar-se de possuir um estabelecimento modelar, que, na opinião dos entendidos, é, no seu género, um dos primeiros da Europa — o Instituto de Orientação Profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho.

Montado em condições especiais e provido, quanto a aparelhagem, do que no género há de mais perfeito, o Instituto acha-se admiravelmente apetrechado para desempenhar a sua importantíssima função no que diz respeito a orientação e selecção profissional.

Além das provas comuns a certos grupos de profissões, há provas especiais destinadas aos aspirantes a motorista.

reservados

(Continua na 8.ª página)



«Trabalhar sem óculos pode provocar a cegueira»

Uma das causas mais frequentes de acidentes de trabalho são os ferimentos dos olhos, por falta de lunetas!

É preciso usá-las para proteger a vista:

a) Contra qualquer objecto que possa saltar, não só de metal, vidro, etc., como contra chispas de fogo.

b) Contra raios de luz ou de calor quando se solda a autogénio ou se corta metal a quente; quando se trabalha em chumbo.

c) Contra os gases, vapores e líquidos perigosos, ao manejar-se com ácidos, etc.

d) Contra areia, pó ou partículas de pedra ou mármore nos trabalhos de pedreiro, canteiro, etc.

Nada custa trazer os óculos, limpos e adaptados ao serviço que se está a fazer. Os óculos ordinários não protegem e, às vezes, até são mais perigosos.

Cuidado, portanto!

Os olhos são um dom precioso que não podemos desperdiçar!

QUANTA MISÉRIA POR CAUSA DA CEGUEIRA PROVENIENTE DE ACIDENTES DE TRABALHO!!

## Orientação profissional na Bélgica

A orientação profissional na Bélgica tem carácter oficial desde que foi criado em princípio de 1936 o «Centro nacional de orientação profissional».

O governo belga reconheceu assim a utilidade e a necessidade da orientação profissional como complemento da obra educativa.

Depois dos Estados Unidos onde se instituíram os primeiros serviços de orientação profissional sistemática, foi

a Bélgica o primeiro país europeu em que se criou um serviço de orientação profissional, em 1912.

O método aí estudado e empregado, chamado método de Bruxelas, é seguido em muitos países.

Actualmente, a orientação profissional desenvolve-se por toda a parte apesar dos entraves e da rotina que se lhe opõe.

Torna-se cada vez mais claro que ela é uma necessidade tanto do indivíduo como da sociedade. Uma das principais consequências das crises económicas e sociais das últimas décadas foi chamar todas as atenções sobre a obrigação de obviar à desordem ameaçadora, por um esforço no sentido da melhor repartição dos valores individuais, dando a cada um largas possibilidades de se desenvolver convenientemente. Vai-se hoje por toda a parte tomando consciência do perigo de deixar a juventude debater-se sozinha na enorme complexidade das condições da vida moderna. Trata-se de se ocupar a tempo dos cidadãos de amanhã.

Foi por isto que homens clarividentes, conscientes das necessidades futuras, se tinham de há muito entregado a esta obra. Modestamente, ignorados do público, eles desbravaram o terreno, reuniram materiais, confrontaram métodos e resultados, preparando os empenhamentos do futuro.

Entre eles deve citar-se em primeiro lugar, na Bélgica, Arthur Christians falecido em 1937. Foi a ele que se deve a fundação do Instituto de Bruxelas, que devia colocar a Bélgica no primeiro plano dos promotores desta importante acção social. Christians, entregou-se durante trinta

anos à orientação profissional, dedicando-se principalmente à formação teórica e prática dos primeiros orientadores. Os seus cursos assentes em conhecimentos científicos demonstrados, atraíram numerosos estudantes estrangeiros.

Entre os seus trabalhos escritos merecem especial nota o «Método de orientação profissional», altamente apreciado em todos os meios dedicados ao assunto, e as primeiras «Monografia dos misteres» que constituíram uma verdadeira revelação e serviram de modelo para a aplicação e a difusão da orientação profissional.

A Bélgica possui hoje todos os elementos de acção a empregar neste importante domínio, no qual as autoridades intervieram progressivamente, embora com extrema prudência. A situação actual provém dum trabalho prolongado, do qual se aproveitou apenas aquilo que resistiu à experiência, o que dá à acção belga neste sector um valor excepcional.

No momento em que estes problemas são atentamente examinados por toda a parte e em que os países que se deixaram ficar para trás não podem continuar desinteressados de tão importante actividade, é útil ver o que outros têm já feito e descrever em linhas largas, os caminhos já percorridos.

É o que pretendemos fazer, dando, numa série de artigos, um resumo da acção belga no campo da orientação profissional, no passado e no presente servindo-nos de estudos diversos mas seguindo de perto o trabalho publicado na «Revista Internacional do Trabalho», volume LVII, n.º 3.

## OS NOSSOS CURSOS

CHAMAMOS A ATENÇÃO DOS NOSSOS LEITORES PARA OS CURSOS QUE ESTAMOS PUBLICANDO

NAS PÁGINAS CENTRAIS, O NOSSO DEDICADO COLABORADOR SR. DR. ABEL VARZIM INICIA HOJE UM CURSO SOBRE «DOCTRINAS SOCIAIS». NA 6.ª PÁGINA DIAS NEVES CONTINUA AS SUAS LIÇÕES DE CONTABILIDADE QUE TANTO ÉXITO VÊM CONSEGUINDO. E NA «PÁGINA DO LAR» (ESTA NOTÍCIA DESTINA-SE ÀS LEITORAS) ANUNCIA-SE UM «CURSO DE CORTE».

DE MANEIRA SIMPLES E NADA ENFADONHA PODEM ASSIM OS NOSSOS LEITORES AUMENTAR A SUA CULTURA COM CONHECIMENTOS ÚTEIS PARA A SUA VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL

Por ABEL VARZIM

A PRODUÇÃO (VII)

DO PAÍS

No concelho de Ponte de Lima está a notar-se a falta de milho. Isto provoca descontentamento, sobretudo por motivo da colheita anterior ter sido abundante...

— A fruta entrou no regime livre de preços. A laranja aumentou, mas continuam as negociações para a sua importação de Espanha.

— A Santa Casa da Misericórdia de Covilhã recebeu o subsídio de 200 contos para a construção de um bairro de casas destinadas às classes pobres.

— Foi inaugurado em Setúbal pelo Chefe do Estado um bairro de 320 casas para pobres e remedeados.

— O distrito de Castelo Branco recebeu do Estado, em dois anos, 25 mil contos destinados às várias obras da Beira-Baixa que lhe dão acentuado cunho de progresso.

— Começou a fazer-se a transferência de doentes tuberculosos internados nos hospitais para os pavilhões há pouco inaugurados no Sanatório do Lumiar.

— Para a Leprosaria Rovisco Pais estão também a ser conduzidos os leprosus que se encontravam no Hospital do Reço.

— A Junta Autónoma das Estradas vai abrir concurso para a construção de várias estradas, entre elas uma de acesso ao Santuário de Fátima, dentro de um plano de urbanização.

— Começou no Tribunal Militar o julgamento de 13 oficiais e civis acusados de participarem numa tentativa revolucionária em 10 de Abril do ano passado.

— Falleceu Viana da Mota, o grande Mestre e eminente pianista, glória de Portugal que a Arte mundial tanto admirava.

— Um violento incêndio fez desaparecer setecentas pipas de vinho no armazém da firma Lusa Imperial, Lda., no Dafundo. O prejuízo eleva-se a dois mil contos.

DO ESTRANGEIRO

— O Governo de Israel protestou contra a decisão inglesa de deter a imigração dos judeus para a Palestina que se encontram na ilha de Chipre.

— Foram enviados protestos ao Conselho de Segurança e ao Governo de Londres.

— O quartel general do medianeiro da O. N. U. vai ser instalado na ilha de Rodas. A vigilância militar da tréguas é dirigida por um general suéco que o conde Bernadotte chamou com urgência e pela participação oficial francesa, americana, sueca e belga.

— Bernardotte poderá dedicar-se à parte mais delicada da sua missão: o acordo político sobre a Palestina.

— O medianeiro da O. N. U. na Palestina mostra-se optimista sobre a sua missão para conseguir as tréguas entre os contendores.

— Arabes e judeus aceitaram a ordem de cessar fogo dada pela O.N.U., mas prevê-se que depois das quatro semanas de tréguas a luta recomece com mais violência.

— Os Padres Franciscanos que desde o século XIII são os guardas dos Lugares Santos entregaram uma nota aos representantes diplomáticos na Palestina da Inglaterra, França, Estados Unidos, Egipto, países da Liga Árabe e ao Grande Rabino de Roma para a transmitir à Agência Judaica, pedindo o respeito devido aos Lugares Santos e às obras que lhes estão confiadas.

— Os Franciscanos gozam de muito prestígio pois ali se encontram desde a partida dos Cruzados.

— A conferência das 6 potências em Londres aprovou o estabelecimento nas três zonas de ocupação ocidentais de uma Assembleia Constituinte e a fiscalização internacional do Ruhr.

— A publicação das recomendações da Conferência de Londres, diz-se na capital britânica, sobre o futuro da Alemanha Ocidental, vai pôr à prova de uma maneira grave, as relações entre os Aliados Ocidentais e a União Soviética.

— O informador do Departamento de Estado norte-americano declarou

que a Rússia tem impedido a unificação da Alemanha. A resolução da Conferência dos Seis em Londres é o primeiro passo para alcançar essa unificação, esperando que quando a Alemanha Oriental tiver a liberdade poderá aderir ao programa agora pre-convencido.

— Os russos continuam a desmantelar as fábricas alemãs na sua zona de ocupação. Dispõem-se a desmantelar agora a fábrica de adubos Letuna, em Merseburgo, onde trabalham 28 mil pessoas, e a fábrica de filmes Agfa, em Wolfen, em que trabalham 9 mil operários.

— Uma comunicação oficial britânica publicada em Berlim diz que os russos na zona Oriental exercem pressão, utilizando os processos da Gestapo, para aniquilamento dos partidos burgueses.

— Na zona russa da Alemanha explodiu a fábrica de petróleo sintético de Zeitz. Morreram 33 operários e ficaram feridos 150.

— O exército americano deve ter no dia 1 de Julho 400 mil homens e a força aérea 540 mil, alcançando, dentro de um ano, o seu máximo efectivo. No próximo ano os dois exercitos vão despender 12.438.731.829 dólares.

— O almirante Denfield, chefe das operações navais americanas, disse: «A presença dos navios dos Estados Unidos em certos locais perturbados

do Mundo é hoje não só um aviso nítido a possíveis perturbadores na nossa decisão de manter a paz, mas também o único meio que possuímos para agirmos rapidamente e evitar que sejam invadidas por um inimigo áreas capitais. Todos os navios dispõem de tripulações suficientes para agir em qualquer emergência».

— O plano Marshall de auxílio à Europa foi reduzido em 25 por cento, estando agora fixado em 4 milhões de dólares.

— Voltou-se uma lancha repleta de marinheiros de um porta-aviões americano, ao largo da base naval de Norfolk, morrendo grande número deles, dos noventa que regressavam a bordo.

— Demitiu-se o presidente da República checoslovaca, Benes. A eleição do novo presidente está marcada para o próximo dia 14.

— Os parlamentares checos refugiados em Londres dizem que a atitude de Benes é um protesto contra a solução violenta de Fevereiro e a nova constituição que pretende fazer da Checoslováquia um satélite da Rússia.

— O antigo Primeiro Ministro, Smuts, aceitou o lugar de deputado e será o chefe da oposição no Parlamento da União Sul Africana.

— Smuts, que se encontra em Londres, declarou que a União Sul Africana não será afastada da comunidade britânica.

CARTA DE AMIGO

De um operário a outro operário

Venho hoje falar-te de leituras. Certamente gostas de ler. O gosto por esse recreio, que também é alimento do espírito, importante e necessário, está agora muito aumentado. É útil e tem os seus perigos, se não for bem orientado.

O livro é um agente transmissor de doutrinas que todos os defensores de princípios, ainda os mais aviaados, utilizam. Uma frase, um personagem a mover-se em águas turvas fazem do simples romance, aparentemente inofensivo, uma arma de cano assustado ao «alvo». E não é difícil conseguir o objectivo: primeiro surge a confusão, logo nasce a dúvida e breve se desorienta um espírito. Por isso se diz que há leituras boas e más, consoante a formação moral e intelectual do leitor.

«Ler é bom, é instrutivo; mas também é perigoso se essas páginas forem veneno a infiltrar-se no cérebro, a desvanecer o pensamento. Ao bico da pena vem o conhecimento exemplar, verdadeiro e cheio de lógica, dos alimentos para o estomago: «Há estomagos delicados com exigências justificadas a reclamar prudência na preparação das refeições; outros há que não exigem tantos cuidados por motivo da sua resistência, do seu funcionamento, mas, ainda assim, não dispõem de «boa ordem». Tinto requer disciplina. Ela é a base de toda a perfeita organização; nas sociedades e nos indivíduos, no trabalho e no simples passatempo.

Se apenas prechessemos as 24 horas do dia com o trabalho, acabávamos por estoirar; se nos dessemos

tão somente à «boa vida»,... de certo que provocaríamos uma «situação agravada». Enfim, a ordem é indispensável, com o pormenor das leituras tem de ser assim: escolher as que são do nosso agrado e não afectam a sensibilidade, e procurar as que ainda possam esclarecer mais o ideal que nos entle o coração.

Os jovens, inexpertientes por força do pouco conhecimento do mundo, defendem, por vezes, cegamente, que se deve ler tudo, que «os livros são livros... e portanto, não fazem mal». Ora a gente sabe como este ponto de vista é errado e causa tantos estragos!

Verdadeiramente «um bom livro é um bom amigo». Já tenho ouvido dizer que «nem sempre se sabe até onde podemos classificar de mau um livro», sem contar, é claro, com os declaradamente péssimos.

Não sei qual a tua opinião sobre o caso. Ouve, porém, a de um camarada que há dias se entreteve a falar comigo sobre o assunto:

«Não leio todos os autores; alguns só para mim uma «bandeira», denunciá-los facilmente. Já tem sucedido encontrar livros cujas intenções percebo logo através de um rápido passar de olhos pelas suas páginas. É raro suceder-me isso, mas uma vez por outro acontece. Nos meus tempos de «menino e moço» tinha por hábito pedir a opinião das pessoas mais avisadas e sempre me dei bem com este sistema. Tem de proceder assim, com mais necessidade presentemente, a quem quer orientar-se em linha recta. De contrário esbarra... e pode ter-se!»

Como diz um grande pensador, «algumas vezes só imperfeitamente conhecemos a verdade». É recomendável, então, um bom livro sobre a matéria que pretendemos esclarecer, tendo presente o que dizia Balmes ao recomendar que «na leitura devemos considerar duas coisas: escolher bem os livros e lê-los bem». Este o processo a adoptar na nossa formação feita de convívios com teorias expostas; mas não só nesta circunstância; até mesmo com a prosa destinada ao simples entretenimento, onde não há, no verdadeiro rigor da palavra, propósitos deliberados de estudo.

Deste modo se verifica que o indivíduo, seja qual for o grau de cultura — isto que cada um se movimenta consoante as suas aspirações e necessidades — superior e equilibradamente preocupado, realiza o seu objectivo. Vive, amigo, esta prudência nas tuas relações com os livros, e não deixarás de concluir como eu que só desta maneira se realiza alguma coisa de proveitosa e digno de um esforço. — Mas havemos de voltar ao assunto.

Toda a correspondência deve ser dirigida à nova sede dos nossos escritórios: RUA DE GOMES FREIRE, 30, 2.º LISBOA

Só tenho a acrescentar: — bem observado!

Percebe-se, na juventude dos nossos dias, uma emancipação doentia, esquisita. Vemos por toda a parte uma ansia de viver mal orientada. Infelizmente, isto não diz respeito só aos novos, é afortimo do maior número, compreende de alguma maneira, todos as idades.

No que se refere a preferências literárias, as liberdades verificadas, de quem escreve e de quem lê, são a causa de muita desorientação que para aí observamos. Tantos males que isto tem causado!

Distingue-se, é certo, uma «mentalidade nova», reacção benéfica a defender a «cidade do espírito». Muitos desta «escuela de heróis», que vivem em palavras e obras a lei da verdade, formaram-se também na boa leitura. Dela sugaram estímulo e luz que foi despertar e segurança da vontade, clareza e calor a aquecer o coração. Sem esta preocupação, sem esta vigilância e defesa de si mesmos, dificilmente ou nunca teriam adquirido a personalidade. Fizeram da «boa leitura», da tal «escola benéfica», caminho firme a conduzi-los ao esplendor da sua dignidade cristã e social. Cresceram e desenvolveram-se nesse ambiente sã. Ao verem-se homens na idade encontraram o Homem integral, no serviço do dever, por vocação e aspiração da alma.

Muito pode a leitura! Dize-me o que les, dir-te-ei como vives.

Como diz um grande pensador, «algumas vezes só imperfeitamente conhecemos a verdade». É recomendável, então, um bom livro sobre a matéria que pretendemos esclarecer, tendo presente o que dizia Balmes ao recomendar que «na leitura devemos considerar duas coisas: escolher bem os livros e lê-los bem». Este o processo a adoptar na nossa formação feita de convívios com teorias expostas; mas não só nesta circunstância; até mesmo com a prosa destinada ao simples entretenimento, onde não há, no verdadeiro rigor da palavra, propósitos deliberados de estudo.

Deste modo se verifica que o indivíduo, seja qual for o grau de cultura — isto que cada um se movimenta consoante as suas aspirações e necessidades — superior e equilibradamente preocupado, realiza o seu objectivo. Vive, amigo, esta prudência nas tuas relações com os livros, e não deixarás de concluir como eu que só desta maneira se realiza alguma coisa de proveitosa e digno de um esforço. — Mas havemos de voltar ao assunto.

Damos a seguir o programa das actividades do festival, que se prolongará até ao dia 28 do corrente mês. No dia 8, Sebastião Fernandes Peixoto o conferente, versou o tema «O Filme Suíço», seguindo-se a exibição de Marie Louise; Ontem, dia 11, Augusto Fraça fez uma conferência sobre «O Cinema Espanhol», seguindo-se a exibição de A Aldeia Maldiva; no dia 14 será o conferente Baptista Rosa, sobre o tema «O Filme Francês», seguindo-se a exibição de A Bela e o Monstro; dia 17, Alzer Bar-

reiros fez uma conferência sobre o tema «O Cinema Alemão», seguindo-se a exibição de A Noiva de Beja; e duas da III (Académico da Vida e Desportivo de Faro). Em contra-partida, permanecem na prova nove equipas da I Divisão e 3 da II, havendo ainda a probabilidade de mais uma da I ou mais uma da II (Barreirense ou V. de Setúbal), e uma III (Cova da Piedade ou Torriense), que ficará sendo a única de tal categoria. Nos 13 desafios da primeira eliminatória foram utilizados os serviços de 3 árbitros de Lisboa, outros 3 do Porto; com 2 juizes de campo apareceram Setúbal, Braga e Santarém; ao passo que Coimbra só forneceu um. Dia de registo... e de censura, a crassa ignorância demonstrada pelo árbitro do encontro V. Setúbal-Barreirense acerca do Regulamento especial da Taça, o que motivou um protesto dos setubalenses — apesar do grupo adversário ter alinhado apenas

PAULO DA CRUZ

(Continua na 8.ª pag.)



COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

A TAÇA DE PORTUGAL

QUE É A ÚLTIMA PROVA DA ÉPOCA COMEÇA A ANIMAR-SE ENQUANTO TERMINAM OUTRAS COMPETIÇÕES

Começou no domingo passado a disputar-se a última prova oficial de futebol da temporada de 1947-48: — a «Taça de Portugal».

As especialíssimas características deste Torneio (a eliminar num só jogo) transformam-na numa autêntica «caudilha» dos nervos do entusiasmo da hola. E este ano, essa «caudilha» é maior ainda porque, além dos caprichos do sorteio influem no acasalamento das equipas concorrentes, a designação dos campos a utilizar obedece também a idêntico critério — visto ser sorteado entre cada dois competidores.

A Taça concorreram 14 clubes da I Divisão, 10 da II, 4 da III e um representante das Ilhas que entrará na altura dos quartos-de-final.

Os resultados da primeira eliminatória foram os seguintes: Sporting, 5 — V. Guimarães, 1. Benfica, 5 — Olhanense, 2. Belenenses, 3 — Leixões, 1. Estoril, 1 — Lustrano, 0. F. C. Porto, 9 — União Coimbra, 0. Atlético, 4 — Sp. da Covilhã, 2. O «Elvas», 13 — Desp. de Faro, 0. V. Setúbal, 0 — Barreirense, 0. Sp. de Braga, 3 — Leões Santarém, 2. Académica, 4 — Boavista, 1. Famacão, 1 — Oliveirense, 3. Cuf. Barreiro, 4 — Académ. Viseu, 2. Desp. de Beja, 1 — Portimonense, 4.

Os desafios efectuados na Tapadinha, em Setúbal e no Barreiro tiveram prolongamentos de meia hora, em virtude de se registarem empates ao fim dos 90 minutos. Na Tapadinha o Atlético conseguiu finalmente derrotar o Campeão da II Divisão (Sporting da Covilhã) por 4-2, o mesmo acontecendo na partida entre Cufistas do Barreiro e Estudantes de Viseu — com vantagem também para a equipa local. No campo dos Arcos, em Setúbal, é que não pôde ser resolvida a questão entre «Vitorianos» e Barreirense. Ao cabo de duas horas de jogo prevaleceu a igualdade a zero.

Só um desafio se não realizou no domingo: Cova da Piedade-Torriense. A última hora, o encontro foi suspenso até ser feita um inquérito a factos sucedidos no Campo das Férias... que ficou interdito até nova ordem. Nesta primeira etapa da Prova marcaram-se 71 golos, à média de 5,461 por encontro, pertencendo 53 aos clubes visitados (que alcançaram 10 vitórias) contra 18 apenas dos visitantes (que não foram além de dois triunfos).

Ficaram desde logo eliminados 4 equipas da I Divisão (Boavista, Lustrano, Olhanense e V. de Guimarães); seis da II (União de Coimbra, Leões de Santarém, Famacão, Leixões, Sporting da Covilhã e Desportivo de Beja); e duas da III (Académico da Vida e Desportivo de Faro). Em contra-partida, permanecem na prova nove equipas da I Divisão e 3 da II, havendo ainda a probabilidade de mais uma da I ou mais uma da II (Barreirense ou V. de Setúbal), e uma III (Cova da Piedade ou Torriense), que ficará sendo a única de tal categoria.

No dia 8, Sebastião Fernandes Peixoto o conferente, versou o tema «O Filme Suíço», seguindo-se a exibição de Marie Louise; Ontem, dia 11, Augusto Fraça fez uma conferência sobre «O Cinema Espanhol», seguindo-se a exibição de A Aldeia Maldiva; no dia 14 será o conferente Baptista Rosa, sobre o tema «O Filme Francês», seguindo-se a exibição de A Bela e o Monstro; dia 17, Alzer Barreiros fez uma conferência sobre o tema «O Cinema Alemão», seguindo-se a exibição de A Noiva de Beja; e duas da III (Académico da Vida e Desportivo de Faro). Em contra-partida, permanecem na prova nove equipas da I Divisão e 3 da II, havendo ainda a probabilidade de mais uma da I ou mais uma da II (Barreirense ou V. de Setúbal), e uma III (Cova da Piedade ou Torriense), que ficará sendo a única de tal categoria. Nos 13 desafios da primeira eliminatória foram utilizados os serviços de 3 árbitros de Lisboa, outros 3 do Porto; com 2 juizes de campo apareceram Setúbal, Braga e Santarém; ao passo que Coimbra só forneceu um. Dia de registo... e de censura, a crassa ignorância demonstrada pelo árbitro do encontro V. Setúbal-Barreirense acerca do Regulamento especial da Taça, o que motivou um protesto dos setubalenses — apesar do grupo adversário ter alinhado apenas

uma publicação brasileira fez um inquérito, entre os seus leitores, sobre quais teriam sido os doze maiores desportistas de todo o mundo. A seguir transcrevemos a biografia sucinta dos dozes seleccionados: Jack Dempsey — Ganhou o Campeonato Mundial de todos os pesos em 1919 e perdeu-o em 1926. Foi absoluto no período mais próspero do box, atraindo em torno dos ringues que se lutou as maiores multidões de que se tem memória. Foi um campeão completo. George Carpentier — Sua carreira sensacional fez vibrar a França de ponta a ponta e seus feitos passaram à Europa para a América do Norte onde acabou disputando o título mundial com Jack Dempsey, em 1921. Uma memorável jornada cuja importância ultrapassou os limites do desporto. Possuía muitos títulos, conquistados através de inúmeros combates. Charles Paddock — Foi o primeiro «sprinter» a revolucionar os records de velocidade no atletismo, culminando com as suas vitórias nas Olimpíadas em 1920. Esteve em foco até 1927. Paavo Nurmi — O mais famoso recordista de todos os tempos. Revelou-se nos Jogos Olímpicos de 1920 e culminou nos de 1924-1928. Sua especialidade foram as corridas de meio fundo. Babe Ruth — Durante muitos anos

com 10 jogadores no prolongamento da meia-hora. O sorteio para os oitavo-de-final a disputarem-se amanhã deu o resultado seguinte:

Sporting — Estoril; Benfica — Elvas; Cuf. do Barreiro — Belenenses; Cova da Piedade ou Torriense — Atlético; V. de Setúbal ou Barreirense — F. C. do Porto; Portimonense — Sp. de Braga; e Oliveirense — Académica.

Como os leitores podem reparar, a Taça entra agora em período de maior animação.

O capricho da sorte fornece alguns encontros de desfecho duvidoso e outros de grande projecção momentânea. Entre os primeiros, citaremos as «eviações» de dois grupos lisboetas e as dos campeões do Porto, Braga e Coimbra.

Entre os segundos, os desafios marcados para o Estádio José Alvalade e para o Campo Grande. Especialmente o Benfica-Elvas deve ocasionar uma formidável enchente, visto que foram os alevantados, naquele mesmo terreno, que impediram os encarnados de tirar proveito (ganhando o Nacional) da derrota inesperada do Sporting em Setúbal.

O Benfica ganhou a Taça Cosme Damião

A fim de evitar que muitos jogadores ficassem inactivos depois de findos os Campeonatos Regionais, a Associação de Futebol de Lisboa resolveu fazer disputar a Taça Cosme Damião em homenagem ao grande Paladino do Jogo — que foi também uma das figuras de maior projecção adentro do Benfica. O interessante Torneio reuniu nove inscrições e terminou no domingo com a vitória justa

do Grupo Reserva do popular Benfica, que assim guardará na sua majestosa Sala de Trofeus a Taça com o nome do prestigioso «Cosme». A vitória final não foi fácil, porquanto o Estoril deu sempre réplica valorosa.

Registemos a tabela das classificações gerais:

Table with 5 columns: J, V, E, D, P. Rows for Benfica, Estoril, Sporting, Oriental, Atlético, Belenenses, Operário, Sacavenense, Casa Pia.

O Casa Pia já ganhou um Torneio... que só acaba amanhã!

Referimo-nos ao Torneio das Escolas de Jogadores — para Infantis. Realmente, com os resultados da 6.ª ronda efectuada no domingo último, os «gnanos» asseguraram a vitória final nem que percam o desfecho de amanhã contra a Cuf do Barreiro. Ora vejamos:

Resultados de domingo: Oriental-Atlético, 1-1. Sacavenense-Barreirense, 1-4. Belenenses-Cuf, 2-1. Casa Pia-Estoril, 1-0. Classificação ao fim da sexta jornada:

Table with 5 columns: J, V, E, D, P. Rows for Casa Pia, Barreirense, Atlético, Belenenses, Oriental, Estoril, Cuf. Barreiro, Sacavenense.

(Continua na 6.ª pag.)

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Por JOSÉ ILHARCO

O aniversário dum grande clube

Principiaram esta semana as comemorações do 42.º aniversário do Sporting Clube de Portugal, arrolado este ano com os títulos de campeão lisboeta e nacional de futebol.

O programa das festas, vasto e de grande significado clubista, está à altura da importância alcançada por um dos mais fortes esteses do Desporto Nacional.

Quando uma colectividade atinge a uma dimensão em que sportingistas e benfiquistas andam envolvidos, vai para um cor de anos.

Dizem os «encarnados» que o Benfica é o maior clube português; proclamam os «verdes» que tão honrosa designação lhes pertence por direito próprio. Porém, através destas prepotentes afirmações não é difícil discernir que uns e outros, em consciência, se interrogam sobre qual dos dois, realmente, é o maior de todos.

Sem ser por comodidade, julgamos que a melhor resposta à interrogação constituirá aquela que fornecer este postulado: Benfica e Sporting são, por igual, maiores. É que cada um deles, seguindo o seu brilhante caminho, conscientes da nobre missão que lhes compete desempenhar, continue a afirmar as extraordinárias possibilidades até aqui reveladas — para que seus adeptos continuem a afirmar: — O Sporting é o maior de todos! — O Benfica é o maior de todos! Isto, afinal, só os valorizará — a eles e ao Desporto!

Baptista Pereira novamente vencedor no rio

Foi para o nadador de Alhandra o mais feliz o regresso à actividade. Vencedor, faz amanhã 15 dias, dos 500 metros do rio, Baptista voltou, no passado domingo, a triunfar nos 2.000, revelando sobre todos os outros concorrentes uma superioridade que fazia, na verdade, pena não poder manifestar-se... A prova dos 2.000 metros reuniu 19 nadadores e, apesar das desagradá-

O Vasco do Gama continua...

No Campeonato Nacional de Basquetebol os portugueses do Vasco da Gama continuam a comandar a tabela respectiva, registando na última jornada nova e brilhante vitória, desta feita sobre o Atlético Clube de Portugal (30-21).

O Benfica, depois de quatro derrotas consecutivas, viu, enfim, sorrir-se-lhe os louvros da vitória, batendo os Belenenses por 38-27.

No outro desafio, os combricenses dos Olivais arrecadaram outro precioso triunfo sobre o Flaviado do Porto.

Não há dúvida de que, a despeito da vantagem do Vasco da Gama, o torneio tem-se revestido de muito interesse.

O Paço de Arcos prepara-se para repetir o triunfo da época passada

Com um entusiasmo que nem sempre tem podido esconder, nem justificar, atitudes há muito condenadas pelo Código Desportivo, o Campeonato do Sul de Oquei em Patins vai-se desenvolvendo e fornecendo fortes motivos de interesse.

Na jornada mais correcta do Torneio, o Paço de Arcos venceu o Benfica por 8-2 e o Amador derrotou o Lisgás por 6-2. O resultado deste último encontro reveste-se de muito interesse, dado que o «lanterna-vermelha» descerá automaticamente de divisão. É esta uma situação desagradável — a que todos os clubes, legitimamente, pretendem fugir.

O Paço de Arcos, a única equipa que ainda não foi derrotada, prepara-se para renovar o título de 1947 — e ninguém ousará negar-lhe possibilidades de o conseguir.

Vária

— Para o Campeonato de Lisboa de Oquei em Campo verificaram-se os seguintes resultados, no último domingo:

Benfica, 2 — Atlético, 1 (reservas 2-0); Oquei de Portugal, 0 — Belenenses, 4.

O Benfica segue à frente da classificação, seguido do Atlético, do Futebol Benfica, do Belenenses e do Oquei de Portugal.

— Júlio Costa, seguido de Carlos Feio, João Antas, Afonso Gago, e de mais 10 concorrentes, ganhou com muito brilho o campeonato individual de tennis de mesa, coleccionando 13 vitórias — sem uma única derrota.

— O «Ribamar», comandado por Augusto Moreira Sá, foi o vencedor absoluto da VI Regata às Velas.

Os doze maiores desportistas

Uma publicação brasileira fez um inquérito, entre os seus leitores, sobre quais teriam sido os doze maiores desportistas de todo o mundo.

A seguir transcrevemos a biografia sucinta dos dozes seleccionados: Jack Dempsey — Ganhou o Campeonato Mundial de todos os pesos em 1919 e perdeu-o em 1926. Foi absoluto no período mais próspero do box, atraindo em torno dos ringues que se lutou as maiores multidões de que se tem memória. Foi um campeão completo. George Carpentier — Sua carreira sensacional fez vibrar a França de ponta a ponta e seus feitos passaram à Europa para a América do Norte onde acabou disputando o título mundial com Jack Dempsey, em 1921. Uma memorável jornada cuja importância ultrapassou os limites do desporto. Possuía muitos títulos, conquistados através de inúmeros combates. Charles Paddock — Foi o primeiro «sprinter» a revolucionar os records de velocidade no atletismo, culminando com as suas vitórias nas Olimpíadas em 1920. Esteve em foco até 1927. Paavo Nurmi — O mais famoso recordista de todos os tempos. Revelou-se nos Jogos Olímpicos de 1920 e culminou nos de 1924-1928. Sua especialidade foram as corridas de meio fundo. Babe Ruth — Durante muitos anos

Babe Ruth foi o «rei» do baseball norte-americano, ganhando fama e fortuna. Até hoje, ao que parece, não apareceu outro jogador mais perfeito e celebrado que Babe Ruth.

Suzana Lenglen — A primeira mulher que superou os homens em celebridade desportiva. No tennis, desde que venceu pela primeira vez reverendo-se nas Olimpíadas de Amsterdão, em Wimbledon (1919), tornou-se a campeã mais conhecida e procurada até o fim da sua carreira, sempre amadora, terminando, porém, abraçando o profissionalismo quando foi paga a peso de ouro para se exhibir em «tournée» pelos Estados Unidos.

Otávio Botechta — Este ciclista italiano foi durante alguns anos a figura mais sensacional no desporto europeu com as suas espectaculares participações na Volta da França, culminando por vencê-las nos anos de 1924 e 1925.

Johnny Weismuller — O maior nadador de todos os tempos, dominou amplamente nas Olimpíadas de 1924 e 1928 e conseguindo deter em suas mãos todos os records de velocidade até aos 220 jardas.

Gene Tunney — Gene Tunney passou a ser figura de máxima projecção mundial desde que arrebatou de Jack Dempsey o título de campeão mundial de boxe, em 1926. Foi um

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Também nós temos que dizer**

A secção «A Voz dos nossos camaradas» veio desta vez cheia de casos que nos mostram que entre os industriais e comerciantes. Há-os capazes de todos os sacrifícios em prol dos seus empregados, como vimos ver: A Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que muito tem contribuído para o progresso nacional, não tem podido fugir à regra por que são apreciadas todas as firmas. Ela como outras tem sido apreciada de diversos modos.

O Presidente da Casa do Povo de...  
(Assinado)

A nós sempre nos dá a impressão que os trabalhadores não perderam de todo por enquanto os seus profundos sentimentos cristãos. Esta carta vem dum terra pagana, mas onde os trabalhadores ainda sentem vibrar-lhes a alma perante a doutrina cristã que queremos espalhar, para que se venha a pôr um dia em prática.

Os que fazem este jornal vivem o problema dos trabalhadores manuais e de escritório dos meios industriais e comerciais. Não estão ao par dos problemas rurais. Não os podem tratar com igual conhecimento como os outros. Desde que nos indicarem, porém, quais são os problemas que mais os afligem, nós procuraremos tratar também deles com o mesmo carinho. Afinal, não somos todos irmãos, trabalhadores da pena, da enxada ou das fábricas?

Pois então amemo-nos e ajudemo-nos uns aos outros a dignificar e elevar todos quanto trabalho.

«Sou assinante de «O Trabalhador» que muito estimio pela maneira como trata os nossos problemas. Mas agora queria pedir-lhes um favor. Sou pintor da construção civil, mas também trabalho em pintura de letras. Confesso, porém, que nesta última profissão pouco posso fazer por não ter teoria da arte de desenhar. Gosto muito deste ofício, mas não imagina quanto sofro por ter de recusar trabalhos de pintura de letras por falta de maiores conhecimentos, não só por brío da profissão, mas também para poder oferecer à minha mulher e filhos uma vida melhor.

Por intermédio de «O Trabalhador» não haveria ninguém que, mediante uma pequena remuneração — pois tenho que contar com as despesas de deslocação por morar em Loures — me quisesse dar umas lições? Eu de boa vontade me deslocaria à noite a Lisboa para aprender o que tanto gosto tinha de saber e tanta falta me faz. Tenho 31 anos de idades.

António da Silva Faria  
Alvagos — Loures.

Faz realmente falta não se poder proporcionar a todos quantos têm gosto e arte possibilidades maiores de se valorizarem, valorizando assim a Nação.

O apelo fica aqui registado. De entre os nossos leitores de Lisboa não haverá nenhum que queira prestar este serviço ao nosso simpático camarada? Nós lho agradecemos também.

«Li no «Trabalhador» de 22 de Maio um artigo transcrito do Boletim do Comissariado do Desemprego, que me leva a fazer algumas considerações.

É verdade que o Comissariado tem feito muitas obras públicas, empregando muita gente. Tem uma Caixa de auxílio mútuo, que dá ao seu pessoal auxílio para casamento, baptização, funeral, médico e remédios. Já é alguma coisa de bom.

Agora pergunto eu — não poderia o Comissariado instituir o abono de família? Construir um ou mais bairros para o seu pessoal, que não tem direito de ir para os bairros existentes,

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Também nós temos que dizer**

A secção «A Voz dos nossos camaradas» veio desta vez cheia de casos que nos mostram que entre os industriais e comerciantes. Há-os capazes de todos os sacrifícios em prol dos seus empregados, como vimos ver: A Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que muito tem contribuído para o progresso nacional, não tem podido fugir à regra por que são apreciadas todas as firmas. Ela como outras tem sido apreciada de diversos modos.

«Sou assinante de «O Trabalhador» que muito estimio pela maneira como trata os nossos problemas. Mas agora queria pedir-lhes um favor. Sou pintor da construção civil, mas também trabalho em pintura de letras. Confesso, porém, que nesta última profissão pouco posso fazer por não ter teoria da arte de desenhar. Gosto muito deste ofício, mas não imagina quanto sofro por ter de recusar trabalhos de pintura de letras por falta de maiores conhecimentos, não só por brío da profissão, mas também para poder oferecer à minha mulher e filhos uma vida melhor.

Por intermédio de «O Trabalhador» não haveria ninguém que, mediante uma pequena remuneração — pois tenho que contar com as despesas de deslocação por morar em Loures — me quisesse dar umas lições? Eu de boa vontade me deslocaria à noite a Lisboa para aprender o que tanto gosto tinha de saber e tanta falta me faz. Tenho 31 anos de idades.

António da Silva Faria  
Alvagos — Loures.

Faz realmente falta não se poder proporcionar a todos quantos têm gosto e arte possibilidades maiores de se valorizarem, valorizando assim a Nação.

O apelo fica aqui registado. De entre os nossos leitores de Lisboa não haverá nenhum que queira prestar este serviço ao nosso simpático camarada? Nós lho agradecemos também.

«Li no «Trabalhador» de 22 de Maio um artigo transcrito do Boletim do Comissariado do Desemprego, que me leva a fazer algumas considerações.

É verdade que o Comissariado tem feito muitas obras públicas, empregando muita gente. Tem uma Caixa de auxílio mútuo, que dá ao seu pessoal auxílio para casamento, baptização, funeral, médico e remédios. Já é alguma coisa de bom.

Agora pergunto eu — não poderia o Comissariado instituir o abono de família? Construir um ou mais bairros para o seu pessoal, que não tem direito de ir para os bairros existentes,

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Boletim Mundial**  
O MUNDO ABOMINÁVEL...

Um dia, um filósofo que teve, e tem, grande influência nas correntes desviadas do verdadeiro pensamento cristão que deveria informar a mentalidade da nossa época, depois de tantos sofrimentos e desilusões, descreveu assim o Mundo:

«Transformando-se eternamente num val-vem eterno, com enormes anos de retorno, com o fluxo perpétuo de suas formas, indo do mais simples ao mais complicado, do mais calmo, do mais rígido e do mais frio ao mais ardente, ao mais selvagem e mais contraditório, para voltar, em seguida, da multiplicidade aos mais simples, do jogo das contradições as alegrias da harmonia, afirmando-se a si mesmo nesta uniformidade que permanece a mesma

«Começamos hoje a publicação do anunciado curso de doutrinas sociais.

O curso será demorado, mas feito em linguagem simples e acessível aos nossos leitores.

Muitas das coisas só serão totalmente compreendidas mais tarde, com o desenvolvimento do curso.

Será preciso, por isso, que se leia com cuidado e se espere pela continuação para atingir todo o alcance de certas afirmações ou conclusões. Devem, por isso, guardar os recortes do jornal, para depois poderem confrontar algum ponto, para que chamaremos a atenção.

O curso não é para Professores, mas sim para vulgarização de conhecimentos que auxiliem a elevação da cultura popular no sentido de valorização dos que trabalham. Não é, portanto, um tratado, mas um resumo substancial das diferentes escolas, acompanhado da necessária crítica.

Esperamos que o curso possa seguir sem acidentes.

**TEMAS DO EVANGELHO**

**E Nossa Senhora disse...**

*A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador,*

*Porque pôs Deus os olhos na baixaza de sua serva;*

*por isso, de futuro, todas as gerações me chamarão bemaventurada,*

*porque operou em mim grandes coisas o que é Poderoso,*

*Aquele cujo nome é santo,*

*cujas misericórdias se estende de geração em geração sobre os que o temem.*

*Ostentou a força do seu braço,*

*dissipou os que mantinham orgulhosos pensamentos no coração;*

*Derribou dos seus tronos os potentados e elevou os pequenos,*

*Cumulou de bens os esfomeados e aos ricos despediu-os sem nada.*

(S. Lucas, cap. I).

Um de Urgezes.

Urgeses — Guimarães, 1 de Junho de 1948.

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Também nós temos que dizer**

A secção «A Voz dos nossos camaradas» veio desta vez cheia de casos que nos mostram que entre os industriais e comerciantes. Há-os capazes de todos os sacrifícios em prol dos seus empregados, como vimos ver: A Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que muito tem contribuído para o progresso nacional, não tem podido fugir à regra por que são apreciadas todas as firmas. Ela como outras tem sido apreciada de diversos modos.

«Sou assinante de «O Trabalhador» que muito estimio pela maneira como trata os nossos problemas. Mas agora queria pedir-lhes um favor. Sou pintor da construção civil, mas também trabalho em pintura de letras. Confesso, porém, que nesta última profissão pouco posso fazer por não ter teoria da arte de desenhar. Gosto muito deste ofício, mas não imagina quanto sofro por ter de recusar trabalhos de pintura de letras por falta de maiores conhecimentos, não só por brío da profissão, mas também para poder oferecer à minha mulher e filhos uma vida melhor.

Por intermédio de «O Trabalhador» não haveria ninguém que, mediante uma pequena remuneração — pois tenho que contar com as despesas de deslocação por morar em Loures — me quisesse dar umas lições? Eu de boa vontade me deslocaria à noite a Lisboa para aprender o que tanto gosto tinha de saber e tanta falta me faz. Tenho 31 anos de idades.

António da Silva Faria  
Alvagos — Loures.

Faz realmente falta não se poder proporcionar a todos quantos têm gosto e arte possibilidades maiores de se valorizarem, valorizando assim a Nação.

O apelo fica aqui registado. De entre os nossos leitores de Lisboa não haverá nenhum que queira prestar este serviço ao nosso simpático camarada? Nós lho agradecemos também.

«Li no «Trabalhador» de 22 de Maio um artigo transcrito do Boletim do Comissariado do Desemprego, que me leva a fazer algumas considerações.

É verdade que o Comissariado tem feito muitas obras públicas, empregando muita gente. Tem uma Caixa de auxílio mútuo, que dá ao seu pessoal auxílio para casamento, baptização, funeral, médico e remédios. Já é alguma coisa de bom.

Agora pergunto eu — não poderia o Comissariado instituir o abono de família? Construir um ou mais bairros para o seu pessoal, que não tem direito de ir para os bairros existentes,

**CURSOS DE DOCTRINAS SOCIAIS**

Por ABEL VARZIM

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

**A FISIOCRACIA**

Vivera-se longo tempo na convicção de que um Estado se governava com se governa uma família. Esta é rica e poderosa se tiver muita prata e muito ouro. Da mesma forma o Estado não possuindo minas de ouro, o Estado só poderá enriquecer adquirindo-o noutros países em troca de mercadorias exportadas.

Destá ideia-base nasceu toda a política económica do velho regime: orientação do comércio externo, de forma a conservar sempre a balança comercial em posição favorável, isto é, com um excedente dos valores exportados sobre os valores importados; regulamentação das artes e ofícios, com o fim de fomentar a máxima produção de mercadorias exportáveis; desenvolvimento do comércio internacional intermediário (comércio de especiarias, por exemplo) de forma a deixar no país larga margem de lucro-ouro; restrição do consumo de produtos de importação.

O que era verdade para o Estado, era-o também para as províncias e as cidades. Daí a série interminável de pautas, impostos ad valorem, barreiras, regulamentos do trabalho, da produção e do comércio, peias de toda a ordem que manietaram a vida económica não só nas suas relações com o exterior, mas também no interior dos Estados.

Este sistema tomou o nome de *Mercantilismo* (da palavra *mercado*), por ver no comércio o «ersatz» das minas de ouro e, portanto, a causa fundamental do enriquecimento das Nações.

O século XVIII assistiria, porém, à estrondosa derrocada desta doutrina, suplantada em toda a linha pela *Fisiocracia* (de *fisios* — natureza; e *cracia* — governo; governo da natureza).

Foi seu fundador o médico de Luís XV, dr. Quesnay, que publicou em 1758, aos 64 anos de idade, o célebre livro *Tableau Economique*. Foi tal o êxito das suas ideias económicas, que os Fisiocratas — assim se denominavam eles mesmos — depressa conquistaram a opinião pública e a melhor intelectualidade da época, mesmo nas esferas do alto clero e da política, fenómeno só compreensível pela decadência cristã das altas esferas de então.

As ideias fundamentais da fisiocracia podem resumir-se nas seguintes teses:

- a) a ordem natural;
- b) o produto liquido;
- c) a circulação das riquezas;

O resto são corolários destes três princípios.

**A) — A ORDEM NATURAL**

A ideia mestra dos fisiocratas é a da existência dum *ordem natural*. Deus, dizem eles, escolheu para a humanidade uma ordem harmónica e feliz que, uma vez descoberta e seguida pelos homens, lhes dará a chave do progresso e do bem-estar indefinidos.

Ora a grande revelação da actualidade foi a descoberta, feita por eles, desta *lei natural*, ou melhor, desta *ordem natural e providencial*. A humanidade não tem mais do que aprender a conhecê-la para se conformar com ela e assim encontrar aquela felicidade que, em vão, procurou até agora.

Mas o mais grandioso desta *ordem natural* é estar ela gravada na própria alma humana de tal maneira que se conhece pela própria evidência.

Como assim?

**B) — O PRODUTO LIQUIDO**

Assim como «descobriram» a ordem natural, assim os Fisiocratas «descobriram» também que a única actividade produtiva era a agricultura.

Toda a produção de riqueza implica despesas, isto é, um certo consumo de riquezas. A diferença entre a riqueza consumida e a riqueza produzida é que constitui o verdadeiro aumento da riqueza. A esta diferença ou a este acréscimo de riqueza chamaram os fisiocratas, *produto liquido*.

Como se explica então que só a agricultura fosse a causa da riqueza, isto é, que só ela desse um produto liquido?

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Também nós temos que dizer**

A secção «A Voz dos nossos camaradas» veio desta vez cheia de casos que nos mostram que entre os industriais e comerciantes. Há-os capazes de todos os sacrifícios em prol dos seus empregados, como vimos ver: A Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que muito tem contribuído para o progresso nacional, não tem podido fugir à regra por que são apreciadas todas as firmas. Ela como outras tem sido apreciada de diversos modos.

«Sou assinante de «O Trabalhador» que muito estimio pela maneira como trata os nossos problemas. Mas agora queria pedir-lhes um favor. Sou pintor da construção civil, mas também trabalho em pintura de letras. Confesso, porém, que nesta última profissão pouco posso fazer por não ter teoria da arte de desenhar. Gosto muito deste ofício, mas não imagina quanto sofro por ter de recusar trabalhos de pintura de letras por falta de maiores conhecimentos, não só por brío da profissão, mas também para poder oferecer à minha mulher e filhos uma vida melhor.

Por intermédio de «O Trabalhador» não haveria ninguém que, mediante uma pequena remuneração — pois tenho que contar com as despesas de deslocação por morar em Loures — me quisesse dar umas lições? Eu de boa vontade me deslocaria à noite a Lisboa para aprender o que tanto gosto tinha de saber e tanta falta me faz. Tenho 31 anos de idades.

António da Silva Faria  
Alvagos — Loures.

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Também nós temos que dizer**

A secção «A Voz dos nossos camaradas» veio desta vez cheia de casos que nos mostram que entre os industriais e comerciantes. Há-os capazes de todos os sacrifícios em prol dos seus empregados, como vimos ver: A Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que muito tem contribuído para o progresso nacional, não tem podido fugir à regra por que são apreciadas todas as firmas. Ela como outras tem sido apreciada de diversos modos.

«Sou assinante de «O Trabalhador» que muito estimio pela maneira como trata os nossos problemas. Mas agora queria pedir-lhes um favor. Sou pintor da construção civil, mas também trabalho em pintura de letras. Confesso, porém, que nesta última profissão pouco posso fazer por não ter teoria da arte de desenhar. Gosto muito deste ofício, mas não imagina quanto sofro por ter de recusar trabalhos de pintura de letras por falta de maiores conhecimentos, não só por brío da profissão, mas também para poder oferecer à minha mulher e filhos uma vida melhor.

Por intermédio de «O Trabalhador» não haveria ninguém que, mediante uma pequena remuneração — pois tenho que contar com as despesas de deslocação por morar em Loures — me quisesse dar umas lições? Eu de boa vontade me deslocaria à noite a Lisboa para aprender o que tanto gosto tinha de saber e tanta falta me faz. Tenho 31 anos de idades.

António da Silva Faria  
Alvagos — Loures.

Faz realmente falta não se poder proporcionar a todos quantos têm gosto e arte possibilidades maiores de se valorizarem, valorizando assim a Nação.

O apelo fica aqui registado. De entre os nossos leitores de Lisboa não haverá nenhum que queira prestar este serviço ao nosso simpático camarada? Nós lho agradecemos também.

«Li no «Trabalhador» de 22 de Maio um artigo transcrito do Boletim do Comissariado do Desemprego, que me leva a fazer algumas considerações.

É verdade que o Comissariado tem feito muitas obras públicas, empregando muita gente. Tem uma Caixa de auxílio mútuo, que dá ao seu pessoal auxílio para casamento, baptização, funeral, médico e remédios. Já é alguma coisa de bom.

Agora pergunto eu — não poderia o Comissariado instituir o abono de família? Construir um ou mais bairros para o seu pessoal, que não tem direito de ir para os bairros existentes,

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Também nós temos que dizer**

A secção «A Voz dos nossos camaradas» veio desta vez cheia de casos que nos mostram que entre os industriais e comerciantes. Há-os capazes de todos os sacrifícios em prol dos seus empregados, como vimos ver: A Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que muito tem contribuído para o progresso nacional, não tem podido fugir à regra por que são apreciadas todas as firmas. Ela como outras tem sido apreciada de diversos modos.

«Sou assinante de «O Trabalhador» que muito estimio pela maneira como trata os nossos problemas. Mas agora queria pedir-lhes um favor. Sou pintor da construção civil, mas também trabalho em pintura de letras. Confesso, porém, que nesta última profissão pouco posso fazer por não ter teoria da arte de desenhar. Gosto muito deste ofício, mas não imagina quanto sofro por ter de recusar trabalhos de pintura de letras por falta de maiores conhecimentos, não só por brío da profissão, mas também para poder oferecer à minha mulher e filhos uma vida melhor.

Por intermédio de «O Trabalhador» não haveria ninguém que, mediante uma pequena remuneração — pois tenho que contar com as despesas de deslocação por morar em Loures — me quisesse dar umas lições? Eu de boa vontade me deslocaria à noite a Lisboa para aprender o que tanto gosto tinha de saber e tanta falta me faz. Tenho 31 anos de idades.

António da Silva Faria  
Alvagos — Loures.

**A CAMINHO DA SOLIDARIEDADE**  
Por OLIVEIRA CABRAL

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»



«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Também nós temos que dizer**

A secção «A Voz dos nossos camaradas» veio desta vez cheia de casos que nos mostram que entre os industriais e comerciantes. Há-os capazes de todos os sacrifícios em prol dos seus empregados, como vimos ver: A Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que muito tem contribuído para o progresso nacional, não tem podido fugir à regra por que são apreciadas todas as firmas. Ela como outras tem sido apreciada de diversos modos.

«Sou assinante de «O Trabalhador» que muito estimio pela maneira como trata os nossos problemas. Mas agora queria pedir-lhes um favor. Sou pintor da construção civil, mas também trabalho em pintura de letras. Confesso, porém, que nesta última profissão pouco posso fazer por não ter teoria da arte de desenhar. Gosto muito deste ofício, mas não imagina quanto sofro por ter de recusar trabalhos de pintura de letras por falta de maiores conhecimentos, não só por brío da profissão, mas também para poder oferecer à minha mulher e filhos uma vida melhor.

Por intermédio de «O Trabalhador» não haveria ninguém que, mediante uma pequena remuneração — pois tenho que contar com as despesas de deslocação por morar em Loures — me quisesse dar umas lições? Eu de boa vontade me deslocaria à noite a Lisboa para aprender o que tanto gosto tinha de saber e tanta falta me faz. Tenho 31 anos de idades.

António da Silva Faria  
Alvagos — Loures.

Faz realmente falta não se poder proporcionar a todos quantos têm gosto e arte possibilidades maiores de se valorizarem, valorizando assim a Nação.

O apelo fica aqui registado. De entre os nossos leitores de Lisboa não haverá nenhum que queira prestar este serviço ao nosso simpático camarada? Nós lho agradecemos também.

«Li no «Trabalhador» de 22 de Maio um artigo transcrito do Boletim do Comissariado do Desemprego, que me leva a fazer algumas considerações.

É verdade que o Comissariado tem feito muitas obras públicas, empregando muita gente. Tem uma Caixa de auxílio mútuo, que dá ao seu pessoal auxílio para casamento, baptização, funeral, médico e remédios. Já é alguma coisa de bom.

Agora pergunto eu — não poderia o Comissariado instituir o abono de família? Construir um ou mais bairros para o seu pessoal, que não tem direito de ir para os bairros existentes,

«Sou presidente de uma Casa do Povo e assino «O Trabalhador», jornal que muito aprecio pela maneira clara e elevada como põe os problemas que nos interessam. Mas não me contento em assinar e ler. Ponho-o junto com os outros jornais na mesa de leitura, para que os trabalhadores rurais o possam também ler. Outro dia, vi uns poucos muito interessados a ler «O Trabalhador» e logo me lembrou de perguntar qual era a sua opinião sobre o jornal.

A resposta foi esta: — «Senhor Presidente, que tem toda a consideração pelo «Trabalhador», V... que o compra e paga propositadamente para nós o lermos, não terá a coragem de pedir ao senhor Director em seu nome e em nome dos trabalhadores rurais portugueses que disponha de um cantinho no seu jornal para a defesa directa da nossa classe com o mesmo prazer com que defende as artes e ofícios?»

«O problema é difícil. Parece-nos que já seria tempo de rever a legislação do Comissariado do Desemprego. Desde que se fundou o Comissariado, já passou tempo mais que suficiente para se tirarem as lições da experiência.

As receitas do Comissariado são hoje muito grandes. A grande parte é destinada a obras que são um enriquecimento nacional. Mas também o trabalho e o seu aperfeiçoamento não são menor riqueza. Se as verbas do Fundo do Desemprego se destinassem de preferência ao desenvolvimento da técnica industrial, da aprendizagem, da melhor cultura das terras, numa palavra, do aperfeiçoamento produtivo da Nação, parece-nos que se obteria melhor rendimento social. Não ficariam apenas a beneficiar os operários da construção civil. Todos — tanto operários fabris como rurais e empregados — beneficiariam.

A experiência passada já é longa e suficiente para se poder refazer um pouco a legislação, neste momento. É isso que pedimos aos homens que governam a Nação.

**Também nós temos que dizer**

A secção «A Voz dos nossos camaradas» veio desta vez cheia de casos que nos mostram que entre os industriais e comerciantes. Há-os capazes de todos os sacrifícios em prol dos seus empregados, como vimos ver: A Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, da firma António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, que muito tem contribuído para o progresso nacional, não tem podido fugir à regra por que são apreciadas todas as firmas. Ela como outras tem sido apreciada de diversos modos.

«Sou assinante de «O Trabalhador» que muito estimio pela maneira como trata os nossos problemas. Mas agora queria pedir-lhes um favor. Sou pintor da construção civil, mas também trabalho em pintura de letras. Confesso, porém, que nesta última profissão pouco posso fazer por não ter teoria da arte de desenhar. Gosto muito deste ofício, mas não imagina quanto sofro por ter de recusar trabalhos de pintura de letras por falta de maiores conhecimentos, não só por brío da profissão, mas também para poder oferecer à minha mulher e filhos uma vida melhor.

Por intermédio de «O Trabalhador» não haveria ninguém que, mediante uma pequena remuneração — pois tenho que contar com as despesas de deslocação por morar em Lou

Por sugestão de alguns leitores, cuja impaciência não suporta a demora das soluções, as perguntas da sub-secção «Resposta se sabe» terão as respostas no mesmo número, no final da secção.

Os leitores que queiram responder, por si próprios, às perguntas formuladas, poderão resistir à tentação de ler as soluções.

O cantinho do concorrente fica à espera de colaboração. Esta terá de ser concisa, instrutiva e recreativa.

Hoje registamos mais algumas quadras. Creemos que está a findar a publicação das quadras aproveitáveis.

De Pinto Bravo, é a quadra que a seguir se transcreve:

*Ha nesta casa um mistério, Qualquer coisa de encantador. Pressente-se algo de etéreo, Respira-se a Paz, o Amor...*

Trovador não quis faltar também à chamada:

*Uma arrobada de bom senso, Ditas sacas de juteo, Delicadeza às carreadas; E nada mais é preciso.*

Responda se sabe...

(... e se não souber veja a solução no final desta secção)

- 1) Sabe o que é *nó górdio*?
- 2) Que eram as Olimpíadas? (Perguntas enviadas por Aileida)
- 3) Qual a Avenida de Lisboa que está entre a vida e a morte?
- 4) Uma caixa tem três caixas dentro e cada uma dessas caixas tem outras três caixas. Quantas caixas são ao todo?

Solução do n.º 20

1) As cores primárias são o amarelo, o vermelho, o azul e o verde-mar. Cores neutras são o branco, o cinzento e o preto. Tanto as primárias como as neutras são cores fundamentais. Juntando amarelo e vermelho dá laranja; vermelho e azul dá violeta; azul e verde-mar, turquesa; e verde-mar e amarelo, dá verde-alfaca.

2) Sétipal — espécie de pequenas folhas verdes que envolvem a flor e ao conjunto das quais se chama cálice. Pétalas — espécie de folhas que formam a corola das flores.

3) Inflorescência é a maneira como as flores se dispõem à volta dum pedúnculo.

4) Infritescência é um fruto composto proveniente dum inflorescência. Por exemplo: o figo, o ananás cu as pinhas.

### Opiniões

Um médico americano disse: «Estou convencido de que os bons «copos» nas festas de sociedade, causam praticamente, maiores danos, como grupo, — e grupo que excede milhões — do que os 750.000 alcoólicos (do país)».

### Coisas do Futebol

(Continuação da 3.ª páq.)

Desafios marcados para amanhã, último dia:

- As 9,30 — Estoril-Sacavenense.
- às 10,30 — Barreirense-Oriental;
- às 11,30 — Atlético-Belenense;
- às 12,30 — Casa Pia-Cuf. do Barreiro.

Como vêm, o Casa Pia, ainda que amanhã seja vencido, já não poderá ser alcançado em pontos.

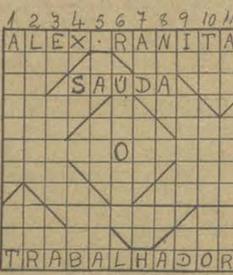
Por tal motivo, o último encontro deste «simpático» Torneio será apenas motivo para consagração definitiva dos habilidosos «gansos»... que, *malgré tout*, souberam honrar as tradições gloriosas do grande «viveiro» de bons jogadores — que era a Casa Pia de Lisboa!!!

Parabéns aos «lindos» vencedores, e a todos os outros também.

### PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 22

(Enviado por Alex. Ranita)



Horizontais: 2 — Cabo da África. Na queda de um encanador. Presente-se algo de etéreo. Respira-se a Paz, o Amor...

Trovador não quis faltar também à chamada:

Uma arrobada de bom senso, Ditas sacas de juteo, Delicadeza às carreadas; E nada mais é preciso.

Responda se sabe...

(... e se não souber veja a solução no final desta secção)

- 1) Sabe o que é *nó górdio*?
- 2) Que eram as Olimpíadas? (Perguntas enviadas por Aileida)
- 3) Qual a Avenida de Lisboa que está entre a vida e a morte?
- 4) Uma caixa tem três caixas dentro e cada uma dessas caixas tem outras três caixas. Quantas caixas são ao todo?

## APRENDAMOS CONTABILIDADE

3.ª LIÇÃO Por DIAS NEVES PARTIDAS DOBRADAS

Prosseguindo:

Sempre que o homem teve com sua semelhante operações financeiras ou comerciais de certo vulto, sentiu a necessidade de registá-las, daqui a razão de engenhar um sistema de escrituração.

Dentre os primeiros aparecidos, podemos apontar o sistema das Partidas simples, que se baseia no elemental principio de: debitar-se a pessoa que recebe, creditando-se a que entrega, isto é, o comerciante abre conta à pessoa com quem transacciona, tal como nós fizemos com Américo—exemplo prático do sistema das Partidas simples, por que começamos nosso estudo. Neste primeiro estágio da Contabilidade, não há senão contas pessoais abertas a terceiros e tantas quantas as pessoas que entrem a transaccionar, criando-se, deste modo, uma série de apontamentos, quantas as contas abertas.

Abriendo-se conta, simplesmente, à pessoa com quem se tratava, daí o nome de Partidas simples, não tardaria, que apparecessem os inconvenientes de tal sistema, pela inexistência de seguro controlo dos valores transaccionados, pela falta de exactidão dos lucros apurados, como qualquer erro ou omissão era sempre difficil, senão impossivel, de aperceber-se.

E então que aparece o sistema das Partidas dobradas, em que um individuo opõe à conta aberta a outrém, outras contas, representando seus valores, tais como as contas de «Caixa», «Mercadorias», «Letras a Pagar», «Letras a receber», etc. E, em cada operação, passaram a jogar duas contas — esta, a razão do seu nome — uma em opposição à outra — se uma é credora, e outra tem de ser forçosamente devedora —, e por esta opposição, appareceu enfim o contole dos valores transaccionados, que até então não existia.

Vejamos como se opera em ambos os sistemas, e decerto realçará a importância do segundo destes sistemas — Partidas dobradas —, verdadeira revolução nos métodos contabilísticos e, talvez, para não dizer com certeza, a maior conquista da Contabilidade.

Exemplifiquemos o que detrás temos vindo a dizer:

Quando Américo nos emprestou os 800\$00, tal empréstimo originou o lançamento seguinte: Américo Haver s/empréstimo ..... 800\$00

de conchelo do distrito do Porto, na margem esquerda do rio Ave; uma das duas ribeiras que formam o rio Sorraia.. 3 — Preposição Indicativa de tempo; um dos sete nomes de Troia; renideo. 4 — Apellido do escultor português, autor da escultura do túmulo monumental do Visconde de Valmor; bárbaro (abrev.). 5 — Imediatamente; canção; Sentença (bras.). 6 — Que levam muita água. 7 — Palavra árabe, que significa servo e entra na composição de muitas palavras portuguesas; nome próprio; caminhava. 8 — Ninho (prov.); abreviatura usada em cálculos astronómicos. 9 — Uma das noções do prefixo de negação *in*; apelido da esposa do Condestável D. Nuno Álvares Pereira; preposição latina que em português significa a. 10 — Três; nome por que é designado o Poema de Camões (Lusiadas). 11 — Nome de uma árvore cuja casca aromática o vinho; assustar.

Solução do problema n.º 20

Horizontais: 1—Malsina; Xeu. 2—Ir; Aso; Fira. 3 — Merc; Vil. 4 — Aio; Semola. 5 — Adias; Ser. 6 — Er; Espio; Ri. 7 — Sua; Trado. 8 — Salla; Ira. 9 — Tio; Doara. 10—Rios; Mas; Um. 11 — Aos; Gerasse.

Verticais: 1 — Mim; Têssera. 2 — Aree; Rua; 10. 3 — Rio; Altos. 4 — Saode; Eis. 5 — Iso; Istmo; 6 — Nô; Sairá; Me. 7 — Vesp; Dar. 8 — Fim; Odiosa. 9 — Xilo; Ora. 10 — Eri; ler; Arus. 11 — Uacaris; Ame.

### Correspondência

Neutel — Pode enviar para minha casa o livro que cede a Aileida e aguarde o resto.

J. D. Gaspar — Pode enviar para minha casa a importância que lhe indiquei. Já tenho em meu poder os livros que desejava obter.

Pinto Bravo — A sua carta já a entreguei ao sr. Director para ser instruída no inquérito que o jornal está a realizar.

Luis do Campo — Fiquei desolado com a sua carta; já recebi os livros e

aguardo apenas as «cordens» do outro leitor que os pediu.

Creio que o atraso reside no facto de o seu nome não ter sido compreendido pela pessoa interessada, a quem mandei uma das suas cartas.

O verdadeiro herói...

O coronel John Cremyo foi um bravo militar e um dos pioneiros da colonização do Oeste Americano. Era tão notáveis os seus feitos de bravura como os seus exageros. Um dia encontrava ele um encontro que teve com os índios apaches.

E descrevia: — Montava eu, felizmente, um excelente cavalo, de maneira que pude interpor boa distancia entre mim e os índios. Eles disparavam nuvens de flechas, mas a distancia tornava estes ataques inofensivos. Ao mesmo tempo corria, ia eu disparando a minha carabina contra eles e não poucos morderam o pó. Infelizmente acabaram-se-me os cartuchos. E, para cúmulo de desgraça, no preciso momento em que isto acontecia, verificava que o caminho, por onde seguia a todo o galope, era um desfiladeiro sem saída. Calculem o meu desespero, ao ver-me assim apanhado por um bando de apaches, numa autentica rapetoria.

— E que fez então, coronel? — perguntou uma dama, angustiada. — Que havia eu de fazer?! — diz o herói com toda a seriedade. — O que faria qualquer outro: morrer como um valente!

### Se quer sorrir...

Um charlatão de feira apregoava panaceia universal, capaz de curar desde unhas encravadas até aos piores casos de ulcera gástrica. — Há vinte anos que vendo este remédio e nunca, nunca ninguém se queixou. Ora isto que prova? — Que os mortos não falam! — gritou alguém da assistência.

Na cadeia, o director pergunta a um fabricante de moeda falsa: — Então, tem pena do passado? — Não. Do que tenho pena é do que não passei.

Responda se sabe...

Soluções deste número

1) O reino da Macedónia, fundado por Carano, esteve na dependência dos persas até ao reinado de Filipe II, 360 anos A. C. Sucedeu-lhe seu filho, Alexandre o Grande, que nasceu 356 anos A. C., o qual teve por mestre Aristóteles que o ensinou a amar a virtude e a proteger as ciências. Subindo ao trono na idade de 21 anos, ilustrou-se pela sua actividade e intelligencia, sendo denominado generalissimo dos gregos depois de ter vencido vários povos. Derrotou os persas, fundou Alexandria, no Egipto, e na batalha de Arbeles acabou com o império persa, e porque era hábil tanto nas suas conquistas como em conservá-las, decretou leis para os vencidos que tratava carinhosamente, a história chamou-lhe Magno. Tendo estabelecido na cidade da Frigia, que mais tarde se chamou Górdio, teve conhecimento ser ali tradição antiga que um carro traria um rei ao país para o libertar da anarquia e como Midos conduziu-se para aquela cidade e deste modo seu pai Górdio, logo os frígios o acolheram como rei da Frigia, dançando a cidade o seu nome, Górdio, que era lavrador, para comemorar aquele acontecimento, pendurou no templo de Apolo, as correias que prendiam a canga à lança do carro em que ia e nas quais fizera um nó com tal artificio que se não sabia como desatá-lo. A esse nó deu-se o nome de nó górdio. Existindo também a crença de que quem desatasse o nó dominaria toda a Ásia, Alexandre Magno imediatamente criou a ideia de o desatar, pelo que se dirigiu ao templo nessa intenção.

Mão o conseguindo, tirou da espada e cortou-o. Bem diz o dizer-se cortar o nó górdio para significar que se toma uma determinação que remove toda e qualquer dificuldade aparentemente invencível.

2) Olimpíada é o período de 4 anos que decorria entre a celebração dos jogos olímpicos, na Grécia. Entre os jogos ou festas públicas que Hercules, o mais notável herói dos tempos primitivos da Grécia, o mais engrandecido pela mitologia, fundou, com o fim de estreitar as relações sociais entre os diversos ramos das famílias gregas, foram os jogos olímpicos, cujo nome vem de Olimpia, cidade da Elydia, ao Occidente do Poloponso, e que consistiam em diferentes exercicios, como a luta, o pugilato, a correria a pé, em carros e a cavallo, etc. e duravam cinco dias. Eram celebrados em honra do deus mitológico Júpiter. Porém, parece que estes jogos foram instituídos por Pelops e realmente restabelecidos por Hercules. Eram estes jogos celebrados umas vezes com regularidade, interrompidos várias vezes e por fim tendo quase caído no esquecimento, no ano de 284 A. C., foram restaurados por Licurgo Ilio, rei da Elydia e Cleostenes de Pisra, tornando-os regularmente periódicos de 4 em 4 anos. Os gregos tomaram então esta pública solenidade para base da sua cronologia, dividindo o tempo em intervalos de 4 anos chamados Olimpíadas que começavam no solstício do esta, referindo-se a primeira ao ano 776 A. C., em que um certo lutador chamado Coroebus, da Elydia, alcançou o prémio nos jogos olímpicos. Podem datar-se daqui os tempos históricos da Grécia, porque, estreitadas as mais intimas relações entre os povos, havendo mais certeza nas narrativas e referências aos diversos acontecimentos, fixou-se um sistema certo para a medição do tempo e a história grega tornou-se desde então muito menos incerta. Os gregos contaram por Olimpíadas durante muitos anos: parece que até ao ano 396, em que teve lugar a 293.ª olimpíada.

Os gregos tiveram outros jogos

Hercules, no regresso da expedição dos argonautas, reunindo-se nas planícies da Elydia instituiu, além dos jogos olímpicos, os nemeus e Tesou ou Teseo, para comemorar a junção dos povos da Etyca, instituiu os jogos panateneus, em honra da deusa Minerva, protectora de Atenas, e os istmicos, assim chamados do istmo de Corinto, onde tinham lugar de 5 em 5 anos, em homenagem a Neptuno. Os jogos piticos, que se celebravam em Delos, de 4 em 4 anos, instituídos em honra de Apolo, que matou a serpente mitológica Piton.

3) É a Avenida de Fontes Pereira de Melo: dum lado está a Maternidade; do outro o Matadouro!

4) São treze caixas ao todo.

CÉSAR AFONSO

Calçada dos Barbadinhos, n.º 30 - 1.ª LISBOA

## MORTALIDADE INFANTIL

Uma das maiores preocupações de todos os povos, que desejam ver o progresso e a elevação da sociedade em que vivem é a mortalidade infantil.

O número de crianças que morrem todos os anos é, com efeito, um indice do desenvolvimento da cultura e do nivel de vida de cada povo.

A percentagem de crianças mortas tem diminuido em Portugal desde 1927 para cá, embora num ritmo ainda muito lento e com alguns altos e baixos.

Mas é impressionante verificar-se quanto pode fazer neste sentido uma assistência cuidadosa da primeira infância.

Temos, com efeito, presente um interessante trabalho do dr. Clemente de Moraes Sarmiento, médico illustre e dedicado da «Associação Protectora da Primeira Infância», no qual se verifica que, entre as crianças, seguidas por aquela Associação, a mortalidade infantil tem diminuido tão animadoramente que desceu de 15,4 em 1927, para 3,7 em 1947 (o ano de mais baixa mortalidade, aliás).

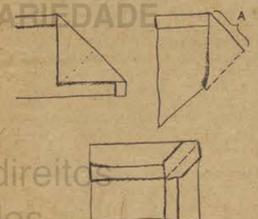
Daqui se provam as grandes possibilidades que temos diante de nós no combate à mortalidade infantil. Bem haja o dr. Moraes Sarmiento pelo grande contributo que prestou à causa das crianças em Portugal.

## PRECEITOS DE COSTURA



Canto usual Canto enfiado

Quem queira fazer os cantos das bainhas bem perfeitos deverá seguir o preceito que a gravura indica para os cantos enfiados:



Vinca-se bem por A, desdobra-se, cose-se ao longo do vinco, corta-se e volta-se para o direito.

O canto dobra-se conforme vem indicado e alinhava-se para não fugir. Em seguida, corta-se o que sobeja e cose-se com ponto de bainha. Toalhas e lençóis não devem ser guardados doutro modo, se se gosta de trabalho perfeito.

## Cravos de Santo António

Ele: Folhinha de mangerico tão pequena e tão cheirosa! Quanto mais me sacrifico, mais te mostras desdenhosa. Ela: O meu bem não é soldado mas também faz sentinela. Passa os dias perfilado de guarda à minha janela. Dá o limão amarelo, os montes dão açucenas. Os teus olhos dão amores, o teu coração dá penas.

Quer tu queiras ou não queiras hei-de amarte-te até à morte. Ninguém pode erguer barreiras contra os desígnios da sorte.

Montes e vales andei fazendo no teu escolhas. Só nos teus olhos achei o trevo de quatro folhas.

Trigueirinha mais trigueira do que a amora do silvado. Se não quer ficar solteira aqui me tem a seu lado.

CÉSAR AFONSO

Calçada dos Barbadinhos, n.º 30 - 1.ª LISBOA



## HOMENS E MULHERES PEQUENINOS

Caminhando lado a lado, os irmãos podem ajudar-se a crescer sãos no corpo e na alma.

Muito se tem dito sobre as vantagens e inconvenientes da coeducação. Este problema põe-se na família de um modo absolutamente diferente do que na escola. Na família a coeducação, ou seja a educação em comum, é um imperativo e uma benção.

O irmão cresce com firmeza de carácter, digno e respeitador, se os pais o fizerem sentir-se verdadeiro protector e defensor da felicidade e dignidade da irmã.

A irmã cresce pura, alegre e dedicada, se os pais a fizerem sentir e viver que dela depende encaminhar o irmão, sendo um exemplo para ele e uma fonte de alegria e respeito.

Desde muito cedo os pais se esforçarão por acordar no rapaz aquele cavalheirismo nato em todos eles. Mas isto não por palavras insistentes que depressa aborrecem mas mostrando-lhe pequeninos gestos e amabilidades que se explica lhe ficam bem, em virtude de ser o mais forte: pequeninas sementes de moralidade deixadas no coração infantil que fortalecem o seu carácter e lhe dão a pouco e



pouco um sentido da sua responsabilidade e da sua grandeza de homem. Sentindo-se forte há o período de o pequeno poder «inchar» com a sua dignidade de homem e poder por isso mesmo tornar-se dominador e «rudo». Mas, se ele ao mesmo tempo tiver consciência de ser, pela sua firmeza, protector de quem é mais fraco, então o seu domínio torna-se brande e faz-se delicado. Levado a seguir o an-

tigo ideal da cavalaria medieval — a qual conhecia que a dignidade do forte reside na defesa do fraco, do humilde, do belo e do puro — o rapaz que se lembra a cada passo de defender e cuidar das suas irmãs torna-se um verdadeiro «cavalleiro» em todos os seus actos na sociedade e na família.

Por outro lado, a irmã também se prepara em pequenina para o seu papel de mulher. Aprenderá a obedecer e a respeitar o irmão que a defende e protege, mas também aprenderá a impor-se ao irmão pela sua dedicação e delicadeza. Será ao lado dele como uma fada do bom conselho e como uma confidente e confortadora em todos os seus pequeninos desgostos, preparar-se-á assim para o seu papel de mulher, sujeita ao homem em tudo (excepto na sua dignidade) mas senhora pela sua doçura e alegria.

Assim juntos os irmãos caminharão para a vida, aprendendo cada um a tomar o seu lugar. Na família se preparam as futuras famílias. O rapaz delicado mas forte será um bom marido; a rapariga digna mas sujeita será uma boa esposa.

Assim fica explicada uma razão porque algumas pessoas com doenças de fígado ou estômago não suportam os refrigerados, os fritos e os molhos «puxados».

## PELA BOCA MORRE O PEIXE

Cozinhar e digerir

Cozinhar os alimentos torna-os mais saborosos ao paladar e, na quase totalidade dos casos, mais digeríveis. Uma excepção são as gorduras, as quais depois de ferverem se tornam de mais difficil digestão. Por exemplo, quitados, tanto mais saborosos quanto todos os estômagos de uma digestibilidade perfeita, quando escurecida pela fervura, retardam por algumas horas a digestão; da mesma forma os quitados, tanto mais saborosos quanto mais prolongada a cozedura a fogo lento, são de digestão mais penosa por a acção do seu suco gástrico (suco digestivo do estômago) sobre eles ser demorada pela cozedura prolongada. Mas o efeito disto atenuar-se-á, se se juntarem umas gotas de ácido — (limão ou vinagre). O que se passa com os quitados passa-se com as frituras e especialmente com as conservas em azeite, de que se deve usar com moderação.

Assim já explicada uma razão porque algumas pessoas com doenças de fígado ou estômago não suportam os refrigerados, os fritos e os molhos «puxados».

Assim fica explicada uma razão porque algumas pessoas com doenças de fígado ou estômago não suportam os refrigerados, os fritos e os molhos «puxados».

Assim fica explicada uma razão porque algumas pessoas com doenças de fígado ou estômago não suportam os refrigerados, os fritos e os molhos «puxados».

### Qualidade do peixe

O peixe é um alimento precioso que, sendo menos nutritivo do que a carne é, no entanto mais fácil de digerir. É, no entanto, indispensável que seja perfeitamente fresco, pois um peixe mesmo meio fresco pode causar intoxicações (envenenamentos) muito graves.

Os caracteres do peixe fresco são os seguintes: tem a pele viscosa e brilhante, mantendo-se as peixes de escama rígidas na mão quando se gregos horizontalmente; as guelras devem ser vermelhas, com as suas lamelas bem separadas; desde que a cor seja rosado pálido, com as pontas acinzentadas, e as lamelas das guelras fúscidas, é peixe perigoso. Como os vendedores costumam pintar as guelras com o sangue vermelho do proprio peixe, é conveniente verificar a fraude, limpando as guelras com os dedos ou com um pano limpo.

Os olhos devem ser brilhantes e salientes. As escamas devem ser agarradas à pele e o cheiro deve ser agradável (o mais leve cheiro a amoníaco ou a podre pode ser fatal).

O peixe vendido às portas deve sempre merecer desconfiança, sobretudo se está a tornar-se esverdeado, levemente que seja, junto à espinha dorsal.

Todas as respostas entrarão no sorteio dos prémios e serão ainda, além disso, premiadas as melhores respostas.

1.º prémio, para homem:

UM APARELHO DE TELEFONIA.

2.º prémio, para homem:

UM RELÓGIO DE PULSO.

1.º prémio, para mulher:

UM APARELHO DE TELEFONIA.

2.º prémio, para mulher:

UM MAGNIFICO FERRO ELÉCTRICO DE ENGOMAR, DA MELHOR MARCA



A harmonia do lar significa a alegria do lar.

Mas se não souberdes guardar a alegria, através mesmo das agruras da vida, depressa perderdes a harmonia também. Mulheres, olhai a vossa felicidade e a daqueles que vos rodeiam e não percais a alegria nem a sua fiel companheira, a paciência.

## CURSO DE CORTE

## OU A OFICINA E O ESCRITÓRIO?

«Como mulher operária, não quero ficar no mutismo perante o apelo do nosso jornal...»

Começa com estas palavras a resposta de uma leitora ao inquérito sobre o trabalho da mulher fora do lar.

Trata-se do futuro da mulher, da família, dos filhos. Respondam já.

O inquérito fecha no dia 30 de Junho. Todas as respostas entrarão no sorteio dos prémios e serão ainda, além disso, premiadas as melhores respostas.

1.º prémio, para homem:

UM APARELHO DE TELEFONIA.

2.º prémio, para homem:

UM RELÓGIO DE PULSO.

1.º prémio, para mulher:

UM APARELHO DE TELEFONIA.

2.º prémio, para mulher:

UM MAGNIFICO FERRO ELÉCTRICO DE ENGOMAR, DA MELHOR MARCA

A sortear:

3 — Candeeiros de cabeceira e secretária.

2 — 2 ferros eléctricos de engomar.

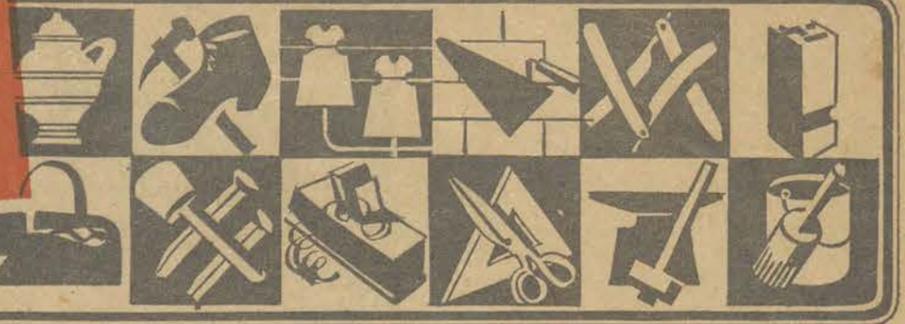
2 — relógios de pulso.

Várias colecções de livros de cultura.

1 — Máquina fotográfica, etc.

CÉSAR AFONSO

Calçada dos Barbadinhos, n.º 30 - 1.ª LISBOA



# MIRADOURO

Antes de continuarmos este artigo que escrevemos a propósito das Enciclicas Sociais e que será publicado aos poucos devido à falta de espaço do nosso Jornal, queremos fazer uma pequena rectificação, ou antes, queremos dar um pequeno esclarecimento aos poucos leitores que têm a paciência de nos ler. No número 18, ou por lapso da tipografia, ou por qualquer outro motivo, saltou-nos do texto uma frase que fomos buscar a um discurso que em tempo ouvimos a um douto professor, discurso subordinado ao título «Conceitos económicos da nova Constituição». Como não temos culpa deste lapso, esperamos que os nossos leitores nos relevem o facto de por vezes parecer existir entre dois períodos que escrevemos, ou um disparate, ou um vazio inexplicável. Contamos que, com a vossa ajuda, estas deficiências involuntárias sejam atenuadas e o nosso pensamento compreendido. Dado este esclarecimento, que o devia ter sido no último número, continuemos e passemos ao período que vai do século XV a meados do século XVIII, ou seja aquele em que se desenvolveu na Europa o chamado mercantilismo, economia dominada pelo comércio e pelo ouro.

Neste período forma-se um clima espiritual diferente do da idade medieval. Contribuíram para ele quatro factos históricos: a Renascença, a Reforma, a formação dos grandes Estados e os descobrimentos geográficos dos portugueses e dos espanhóis. A Renascença actuou num sentido laico, despindo a política, a arte e a economia das suas vestes sacerdotais, no dizer do Prof. Dr. Marques Guedes. A ciência trocou os capítulos dos conventos e as naveas das igrejas pelas aulas e pelos claustros das universidades. A Reforma, de entre a modificação de alguns conceitos de carácter

## PROTECÇÃO AOS APRENDIZES

(Continuação da 1.ª página)

simplista do desinteresse das famílias e dos patrões pela sorte ou vocação dos aprendizes, mas também e sobretudo a resolução de muitos outros problemas-base, como a psicotécnica, a pedagogia e a técnica, a racionalização da produção nacional em função da economia externa e interna, a urbanização, a concentração industrial, a habitação, as escolas, etc.

Pertence agora aos adultos, aos dirigentes católicos, das associações responsáveis tanto económicas como culturais e espirituais, retomar o problema, para que se venha a definir com largueza de vistas qual o pensamento cristão sobre o assunto, e se não perca o esplêndido trabalho já realizado e a realizar pelos jovens, no âmbito da sua competência e das suas capacidades.

ABEL VARZIM

COMPRE,  
LEIA  
E ASSINE  
«O TRABALHADOR»

económico, reconheceu a legitimidade do juro em todos os casos e não apenas nos casos especiais atrás referidos, e ajudou na luta para que a proibição da usura fosse completamente revogada, o que conseguiu. A própria Igreja acabou por ser arrastada por este movimento. Muitas Ordens religiosas e sobretudo as Ordens Militares, especialmente os cavaleiros da Ordem Teutónica e os Templários, acumularam muitos capitais provenientes das rendas das suas propriedades, e, para os não deixarem imobilizados, emprestavam-nos a juro. Este facto económico da maior importância, contribuiu poderosamente para que os capitais, influenciados pelo juro, se lançassem em grandes empreendimentos originando a grande indústria e o comércio actual.

Com a formação dos grandes Estados, a economia até então limitada à cidade, à comuna ou à região, tendo como órgãos principais os mercados e as feiras, alarga-se até ao âmbito da economia nacional, com diferentes e mais complexas exigências. Pode dizer-se que neste período aparecem já indícios da futura organização capitalista, ampliados com os descobrimentos marítimos.

Os descobrimentos dão origem a um súbito alargamento do horizonte industrial e comercial, vulgarizam o consumo de novas mercadorias, aumentam extraordinariamente a margem de lucros e geram um novo conceito de riqueza. A riqueza de uma Nação já não é medida pela sua superfície territorial, pela sua população, pela produtividade do seu solo ou o seu poderio militar, mas sim pelas quantidades de metais preciosos que possuem, quer amoadados ou não.

A agricultura passou a coisa secundária, os campos foram abandonados, todos preferem ser mareantes, mercadores ou ambas as coisas. A família, a comuna ou a corporação já não ocupam o primeiro lugar. É a Nação, vivendo nos quadros de um poder centralizado, que ocupa o primeiro plano. O poder real, para se manter, apoia-se na burguesia e esta ascende gradualmente na vida pública, formando uma nova e numerosa nobreza.

A economia laiciza-se, deixando de admitir a moral a nortejar as suas actividades, como se a economia fosse fim de si mesma e não devesse proporcionar ao homem os meios de que precisa para a satisfação das suas necessidades, tendo em conta o progresso da civilização. A doutrina do justo preço desaparece. Toda a ideia gira à volta do enriquecimento do Estado. E para este fim é pedida a sua intervenção: no mercado interno, para favorecer o comércio e a indústria permitindo uma larga produção a baixo preço, fixando por exemplo um máximo legal de salários; no mercado ex-

## AS BOAS PARTIDAS

Transcrevemos do jornal paroquial «A Crença», de Vila Franca do Campo, Açores, do seu n.º de 30 de Maio, a seguinte notícia:

Conta-se que o director de um jornal sul-americano publicou o seguinte:

«A minha criada comprou ontem dois quilos de açúcar numa loja desta cidade e faltavam 200 gramas. Se não mandarem à redacção deste jornal os 200 gramas de açúcar que faltam, amanhã publicaremos o nome do estabelecimento onde roubam 200 gramas em cada 2 quilos.»

Três horas depois do jornal começar a circular, o director tinha recebido 70 pacotes de açúcar, de 200 gramas cada um, de 70 estabelecimentos que havia na localidade!

terno, para que das operações comerciais com o estrangeiro resulte sempre um saldo de numerário a seu favor.

Numa palavra, o mercantilismo não se preocupa com o bem-estar dos indivíduos, mas apenas com o poderio do seu soberano, e, neste sentido é encaminhada toda a produção, mesmo ainda que seja necessário exercer uma brutal traficância sobre os salários.

(Continua) GONÇALO

## INQUÉRITO AOS NOSSOS LEITORES

No próximo número começaremos a publicar o resultado do inquérito que fizemos aos nossos leitores sobre o jornal, a sua orientação e modificação.

Leiam o próximo número.

# A INDÚSTRIA DO ALUMÍNIO

A expansão da indústria do alumínio é um facto do 2.º quartel do presente século.

A produção mundial deste produto, que atingiu no fim da guerra cerca de 2 milhões de toneladas anuais, era em 1929 de 280.000 toneladas apenas, número este que baixou ainda em anos seguintes por deficiência de consumo, descendo em 1933 a 142 mil toneladas. As necessidades da guerra, sobretudo no que diz respeito à cons-

## A SELECÇÃO DOS CONDUTORES DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

(Continuação da 1.ª página)

Num grande quadro — verdadeiro campo de estímulos e de reacções automáticas — produzem-se sucessivos e variados estímulos, quer visuais quer auditivos, a que correspondem outras tantas formas de reacção.

Mas, além desses estímulos, há outros, a que não corresponde reacção alguma e que apenas servem para aumentar a confusão: são como que factores de perturbação.

A atenção do experimentado é assim solicitada por vários estímulos, ora alternados ora simultâneos; e, deste modo, se aprecia a capacidade de distribuição da atenção — factor importante para o bom desempenho da função de condutor de veículos ligeiros.

Além deste e doutros aparelhos mais ou menos engenhosos, como o que permite apreciar a sensibilidade às mudanças de ritmo, sensibilidade tão importante e tão necessária a quem tem de lidar com motores, um outro possui o Instituto exclusivamente destinado a apreciar a capacidade para conduzir automóveis.

O manejo deste aparelho, tão simples como engenhoso, permite reconhecer o grau de aptidão do experimentado no que respeita a destreza, capacidade de decisão, rapidez de manobra, agudeza visual, serenidade, etc., e constitui, por isso, uma prova de alta importância certamente inibitória em alguns casos.

O próprio aparelho se encarrega de registar automaticamente todos os contactos havidos, os quais representam outros tantos desvios, isto é, outros tantos erros na manobra do volante, que é em tudo semelhante ao dos automóveis.

# CONSELHOS AOS TRABALHADORES

- 1) Lembra-te de que os chefes não perdem nunca de vista os seus subordinados.
- 2) Não roubes minutos ao tempo que deves consagrar ao serviço; não chegues tarde nem saias cedo.
- 3) Diligência adquirir conhecimentos das ocupações dos teus colegas, pois a indiferença por aprender alguma coisa além da rotina é fatal no começo duma carreira.
- 4) Valoriza-te, procurando conhecer os diferentes ramos de serviço da tua profissão.
- 5) Confia em ti mesmo.
- 6) Tira ensinamentos das faltas que praticares.
- 7) Não escolhas amigos só entre os inferiores.
- 8) Crê que vale a pena instruíres-te.
- 9) Lembra-te de que os homens que conquistaram os maiores prémios na luta pela vida foram, quase sempre homens de talento e qualidades vulgares mas dotadas duma aplicação pouco comum ao trabalho, duma vontade inquebrantável e duma perseverança que nada pode abater.
- 10) A roupa é uma segunda pele que nós usamos. É preciso dispensar-lhe tantos cuidados quantos àquela que nos foi dada pela natureza.

trução de aviões, foram a principal causa de tal desenvolvimento.

Os maiores produtores em 1939 eram a Alemanha (200.000 toneladas), Estados Unidos (140.000), Canadá (80.000), França, Itália, Noruega e Inglaterra.

Em 1940 apareceu já alterada a posição de alguns destes países. A produção dos Estados Unidos e do Canadá representava já metade da produção mundial. Em 1943 os Estados Unidos atingiram o milhão de toneladas. Terminada a guerra baixou o consumo e consequentemente a produção.

O uso do alumínio tende a crescer constantemente para fins pacíficos, de modo a ser de esperar que dentro de alguns anos o consumo normal atinja o máximo de durante a guerra.

Os preços têm baixado ultimamente, sendo agora quase iguais aos de 1939. Em Inglaterra, vale 80 libras a tonelada, ou seja, cerca de 8500 o quilo.

Descobriram-se até à data para o alumínio 3.500 possibilidades de aplicação, mas a mais importante continua sendo na indústria aeronáutica.

Presentemente emprega-se em ligas metálicas diversas, nomeadamente com o cobre, o aço e o zinco.

Os artigos de alumínio, apesar do seu preço um pouco mais elevado, estão substituindo frequentemente os utensílios de ferro, de que há menos abundância.

Nos produtos em que pode substituir o cobre, destrona este por completo em virtude de custar normalmente muitos menos de metade do cobre.

Os grandes produtores encontram assim o primeiro e grande concorrente.

Ao contrário do que sucede com

muitos minerais cuja exploração é mais difícil ou de cujas reservas se prevê já o limite, o alumínio é talvez o único metal que hoje se pode obter em quantidades suficientes.

É como se vê importantíssima a exploração mineira e industrial do alumínio, tendo como valiosa a utilização dos artigos com ele fabricados. Para terminar lembramos que os objectos de alumínio inutilizados, são matéria prima recuperável por segunda fusão e devem por isso ser economicamente aproveitadas.

## FESTIVAL DO FILME EUROPEU

(Continuação da 2.ª pág.)

reto falará sobre «O Filme Sueco», exibindo-se depois *Simplemente uma Mulher*; no dia 19, Jorge Pelayo fará uma conferência sobre «O Filme Britânico», sendo *Breve Encontro* o filme a exhibir; Francisco Duarte, no dia 22, falará sobre «Cinema Italiano», sendo exibido o filme *Roma, Cidade Aberta*; «O Cinema em Portugal» será o tema tratado pelo Dr. Francisco Mata, seguindo-se-lhe a exibição de *A Severa*; finalmente, no dia 28, encerramento do ciclo pelo Ex.º Senhor Dr. Domingos Mascarenhas, sobre o tema «Cinema», exibindo-se em seguida o filme em Agfacolor: *Amar é Perdoar*.

O início das conferências está marcado para as 21 e 30 horas.

Os filmes apresentados neste ciclo, foram gentilmente cedidos pelas firmas: Aliança Filme, Lda., Atlante Filmes, Lda., Exclusivos Triunfo, Lda., Filmes Albuquerque, Lda., Imperial Filmes, Lda., Sonoro Filme, Lda.

Não é demais enaltecer a boa vontade demonstrada pela comissão organizadora, da Secção de Cultura Cinematográfica do A. C. L., que envidou todos os esforços para que este festival se revestisse do máximo brilhantismo, o que, sem dúvida, conseguirá. Apontamos os nomes dos seus componentes: Francisco Carlos da Silva Bastos, António Bahia dos Santos, José Hilário dos Santos, Luís Duarte Antão e Artur Branco dos Santos, com a colaboração técnica e artística de Carmelino Callaya, Villares de Lima e Henrique Carlos.

Nelson Barbosa

## LIVROS RECEBIDOS NA REDACÇÃO

Gomes Leal — Sua vida e sua obra — Por Álvaro Neves e H. Marques Júnior.

É um interessante volume comemorativo do centenário do autor das *Claridades do Sul* e da *História de Jesus*.

Encerra um estudo biográfico valioso, seguindo, na maior parte, os jornais da época que se referiam a Gomes Leal. Apresenta ainda um estudo crítico e bibliográfico muito completo e numerosas transcrições, sobretudo de poesias e cartas dispersas.